

ESTRUTURA SOCIOEMOCIONAL: ESCOLA OU FAMÍLIA?

Leandro Aparecido Meneghin Gomes

Licenciatura Plena em Letras

leandro.gomes@educacaoararas.sp.gov.br

Paula Marcella Dametto

Graduada em História e Pedagogia

Desencanaqueavidaengana@hotmail.com

Vanessa Alessandra Lopes Oliveira

Graduada em Pedagogia

Vanessapedagoga86@gmail.com

Talita da Rocha Rodrigues Santos

Graduação em Pedagogia

talitaefabio2009@hotmail.com

Bruna Camila Abílio Quenzer

Graduação em Pedagogia

Brnacamila_bca@hotmail.com

RESUMO

A formação socioemocional tem sido apontada como elemento central para o desenvolvimento integral, influenciando aprendizagem, saúde mental, convivência e participação cidadã.

Este artigo discute criticamente a pergunta “estrutura socioemocional: escola ou família?”, analisando a corresponsabilidade entre instituições de socialização primária e secundária, os limites éticos e pedagógicos da escola na formação de valores, e as condições objetivas que afetam a atuação familiar.

Por meio de revisão narrativa de literatura e integração teórica, argumenta-se que a formação socioemocional é um relacional processual e ecológico: a família exerce papel estruturante inicial (apego, regulação emocional, transmissão cultural), enquanto a escola tem função pública de

promoção de competências socioemocionais e valores democráticos (convivência, respeito, justiça, inclusão), sem substituir a família nem importa doutrinas privadas.

Conclui-se que as políticas escolares efetivas são ainda: currículo socioemocional explícito e baseado em evidências; clima escolar positivo; formação docente; práticas restaurativas; e estratégias de parceria com famílias, respeitando a diversidade cultural e os direitos.

Palavras-chave: socioemocional; escola; família; valores; desenvolvimento humano; clima escolar.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, tem sido evidente uma importância crescente atribuída às competências socioemocionais no contexto educacional. Essas habilidades ganharam destaque não apenas por sua relação direta com o desempenho acadêmico dos alunos, mas também por seu impacto significativo na saúde mental e na qualidade das interações sociais dentro das escolas.

No entanto, é crucial compreender que o desenvolvimento socioemocional vai muito além de métodos e técnicas educacionais simples.

O debate em torno desse tema levanta questões profundas sobre os limites de responsabilidade de cada instituição, seja a escola ou a família. Tradicionalmente, espera-se que a escola não apenas transmita conhecimentos acadêmicos, mas também desempenhe um papel essencial na socialização dos alunos para a vida em comunidade.

Por outro lado, a família é frequentemente vista como o principal ambiente para a construção de valores e o suporte emocional dos indivíduos.

Diante dos desafios cada vez mais complexos de convivência, do aumento das taxas de ansiedade e depressão entre crianças e adolescentes, e da diversidade cultural e moral crescente nas instituições de ensino, a questão sobre a responsabilidade pela estrutura socioemocional se torna mais premente.

Sob uma perspectiva sociológica, tanto a escola quanto a família desempenham papéis distintos, porém complementares, influenciando-se mutuamente nesse processo.

Do ponto de vista psicológico, é importante ressaltar que o desenvolvimento socioemocional não é moldado exclusivamente por um único agente, mas sim pela interação contínua em diversos contextos ao longo do tempo.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é explorar de forma abrangente o papel desempenhado pela escola e pela família na formação socioemocional e na educação em valores, destacando a importância da corresponsabilidade. Além disso, busca-se apresentar conceitos fundamentais sobre competências socioemocionais e valores, examinar os alicerces teóricos do desenvolvimento, refletir sobre os limites éticos e pedagógicos da atuação escolar, e propor estratégias embasadas em evidências para fortalecer a parceria entre escola e família.

METODOLOGIA

A abordagem proposta por Bronfenbrenner nos convida a compensar a relação entre escola e família, ressaltando a importância de uma colaboração eficaz e harmoniosa entre essas duas instituições fundamentais para o desenvolvimento dos alunos.

Enquanto a família desempenha um papel crucial ao fornecer amor, suporte emocional e valores essenciais, a escola complementa esse processo ao ensinar habilidades sociais, promover a diversidade e transmitir valores públicos indispensáveis para a vida em sociedade.

Uma parceria bem-sucedida entre escola e família requer uma comunicação aberta e respeitosa, um alinhamento de expectativas em relação à educação e ao desenvolvimento dos alunos, bem como o apoio mútuo e a colaboração ativa.

Além disso, é essencial estabelecer práticas eficazes de mediação de conflitos, garantindo um ambiente seguro e acolhedor para todos os envolvidos. Ao trabalharem juntas de forma integrada e colaborativa, a escola e a família podem potencializar os esforços em prol do bem-estar e sucesso dos estudantes, preparando-os para enfrentar os desafios do mundo com confiança e resiliência.

A literatura internacional frequentemente organiza esses domínios em modelos como o da CASEL, que agrega autoconsciência, autorregulação, consciência social, habilidades de relacionamento e tomada de decisão responsável (CASEL, 2020).

Conhecer esses níveis pode gerar disputas: por exemplo, ensinar comunicação não-violenta é diferente de importar uma visão particular do mundo. A escola pode trabalhar competências e valores públicos (direitos, respeito, dignidade), sem transformar o currículo em catequese moral.

Valores são orientações normativas internalizadas que guiam escolhas e julgamentos. A família transmite valores por socialização cotidiana, linguagem e práticas (Bourdieu, 1977; 1986).

A escola, por sua vez, é instituição pública (ou de interesse público), inserida em um marco jurídico e democrático: ainda que plural, deve sustentar valores compatíveis com convivência democrática e direitos fundamentais (Durkheim, 1956).

Assim, a questão não é “se” a escola educa valores, mas quais valores, com qual legitimidade, e como fazê-lo em um contexto plural.

A perspectiva sociocultural enfatiza que funções psicológicas superiores se desenvolvem mediadas pela cultura e pela linguagem. Interações com adultos e pares, regras de convivência e práticas discursivas significativas para autorregulação e internalização de normas (Vygotsky, 1978).

Isso implica que a escola, como ambiente estruturado de interação, tem potencial significativo para promover autorregulação, cooperação e pensamento

moral por meio de atividades orientadas, discussão e resolução conjunta de problemas.

O modelo bioecológico afirma que o desenvolvimento ocorre por processos próximos em sistemas múltiplos: família (microsistema), escola (microsistema), e suas inter-relações (mesossistema), sob influência de contextos sociais mais amplos (exo e macrosistemas) (Bronfenbrenner, 1994). Uma consequência prática: não faz sentido significar causalidade total a uma única instituição. O desenvolvimento socioemocional depende da consistência (ou conflito) entre mensagens e práticas familiares e escolares.

A teoria do apego destacou a importância de vínculos iniciais obtidos e responsivos para a segurança emocional e a capacidade de estresse regular (Bowlby, 1969/1982; Ainsworth et al., 1978).

Isso sugere papel fundamental da família (ou cuidadores primários). Entretanto, a escola pode funcionar como fator protetivo ao oferecer relações significativas com adultos, previsibilidade, pertencimento e apoio socioemocional, especialmente quando há vulnerabilidades no contexto familiar.

Durkheim argumenta que a educação tem uma dimensão moral: a escola socializa para a vida coletiva e ajuda a construir a coesão social (Durkheim, 1956). Em sociedades complexas, parte da formação moral precisa ocorrer fora da família, porque a família, por si só, não dá contato para inserir o indivíduo em regras e papéis sociais mais amplos.

Essa ideia permanece relevante, embora hoje exija cuidado com pluralidade e direitos.

A família é o primeiro espaço onde a criança observa estratégias de lidar com frustrações, negociar limites, expressar afeto e solucionar conflitos. Rotinas, linguagem emocional (“nomear emoções”) e responsividade parentais cuidados para autocontrole e empatia.

A “educação pelo exemplo” é segura: práticas parentais consistentes tendem a fortalecer a regulação emocional e a internalização de normas.

Atribuir “responsabilidade total” à família ignora desigualdades estruturais. Pobreza, insegurança alimentar, jornadas de trabalho extensas, violência comunitária e falta de apoio social elevam o estresse e diminuem a disponibilidade parental, com efeitos sobre interações e práticas educativas. Assim, o debate “família versus escola” pode virar culpabilização, quando o ponto central é a necessidade de redes de proteção e políticas de apoio à parentalidade.

As famílias têm valores distintos, o que é legítimo nas sociedades democráticas. A pergunta torna-se: como a escola acolhe a pluralidade sem relativizar princípios básicos de dignidade e respeito?

As parcerias efetivas desativarão a escuta culturalmente sensível, evitando tanto a imposição unilateral quanto a omissão diante de discriminações.

A escola transmite valores por currículo explícito (regras, projetos, debates), mas também por “currículo oculto”: como lida com disciplina, participação, diversidade, avaliação e conflitos.

Por exemplo, práticas humilhantes comunicam valores de autoritarismo; práticas restaurativas comunicam responsabilidade e peças.

Meta-análises sugerem que programas estruturados de aprendizagem socioemocional podem melhorar habilidades socioemocionais, atitudes, comportamento e, em alguns casos, desempenho acadêmico (Durlak et al., 2011; Taylor et al., 2017).

Essas descobertas sustentam que a escola tem capacidade técnica e pedagógica para promover o desenvolvimento socioemocional quando há planejamento, formação docente e integração ao cotidiano escolar.

Mais do que “aula de emoções”, o clima escolar (segurança, relações, justiça, apoio) influencia bem-estar e engajamento. Políticas de convivência, combate ao bullying e práticas de mediação/restauração são componentes relevantes. A escola não substitui a terapia nem a família, mas pode organizar

ambientes protetores que diminuam o risco e ampliem as oportunidades de desenvolvimento.

A escola pode e deve promover os primeiros, por serem requisitos de convivência e direitos; deve evitar importar os segundos. Essa distinção ajuda a reduzir conflitos: não se trata de neutralidade absoluta (impossível), mas de compromisso com princípios públicos.

Em vez de moralização punitiva, práticas dialógicas (assembleias de aula, rodas de conversa, debates orientados) permitem que os estudantes argumentem, escutem, reconheçam consequências e construam responsabilidade. Essa abordagem se aproxima de perspectivas contemporâneas de educação cidade.

A abordagem proposta por Bronfenbrenner nos leva a compensar a relação entre escola e família de forma mais integrada e sinérgica, em vez de separada e dicotômica.

Em vez de perguntar quem é responsável pelo desenvolvimento socioemocional dos alunos, a questão central passa a ser como essas duas instituições podem se articular de maneira eficaz e complementar para promover o bem-estar e o sucesso dos estudantes.

No âmbito familiar, a base de apego e afetividade desempenha um papel fundamental na formação da formação e das relações emocionais dos indivíduos.

Além disso, a transmissão de valores, a definição de limites e a criação de um ambiente acolhedor são aspectos essenciais que a família proporciona para o desenvolvimento saudável das crianças.

Por outro lado, a escola atua como um espaço de aprendizagem não apenas acadêmico, mas também social e emocional. Ao promover competências de convivência, estimular a diversidade, cultivar valores públicos e oferecer oportunidades de participação ativa, a escola contribui significativamente para a formação integral dos estudantes.

A parceria entre escola e família, portanto, deve ser pautada em uma comunicação respeitosa e aberta, sem alinhamento de expectativas, sem suporte mútuo e na colaboração ativa no prol do desenvolvimento dos alunos. Mediar conflitos de forma construtiva e garantir uma rede de proteção e suporte quando necessário são elementos-chave para fortalecer essa parceria e criar um ambiente educacional mais acolhedor e inclusivo.

Ao se unirem em um esforço conjunto, escola e família podem potencializar os resultados educacionais e o bem-estar dos estudantes, preparando-os para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo com resiliência e competência.

ESTRATÉGIAS PRÁTICAS BASEADAS EM EVIDÊNCIAS E BOAS PRÁTICAS

Programas eficazes de desenvolvimento socioemocional desempenham um papel fundamental na promoção do bem-estar dos alunos. Ao serem cuidadosamente planejados e implementados de forma sequencial e participativa, esses programas podem impactar com segurança as habilidades socioemocionais dos estudantes.

A ênfase nas competências socioemocionais, muitas vezes designadas como "SAFE", assegura uma abordagem abrangente e integrada, essencial para o sucesso dessas iniciativas.

A integração desses programas à rotina escolar é essencial, garantindo que faça parte do dia a dia dos alunos e sejam aplicados de maneira consistente em diversas atividades.

A abordagem ideal para o desenvolvimento socioemocional envolve a inclusão dessas competências em diferentes contextos educacionais, como projetos interdisciplinares, atividades artísticas, aulas de educação física e momentos de resolução de problemas.

Essa perspectiva holística e abrangente não apenas fortalece o crescimento socioemocional dos estudantes, mas também contribui para a

criação de um ambiente escolar acolhedor, inclusivo e enriquecedor, promovendo um aprendizado significativo e duradouro.

FORMAÇÃO DOCENTE E CUIDADO COM O PROFESSOR

Os educadores desempenham um papel crucial na formação dos alunos, influenciando não apenas seu aprendizado acadêmico, mas também seu desenvolvimento socioemocional.

É fundamental considerar que os professores enfrentam uma variedade de desafios e pressões no ambiente escolar, o que pode impactar sua saúde mental e bem-estar. Portanto, é essencial fornecer apoio adequado e contínuo para garantir que possam selecionar suas funções de forma eficaz e saudável.

A formação em manejo de sala de aula não se resume apenas à gestão do comportamento dos alunos, mas também abrange a criação de um ambiente inclusivo e acolhedor que promove a valorização e o respeito mútuo.

Além disso, aprimorar a comunicação entre professores, alunos e pais é essencial para fortalecer os laços na comunidade escolar e cultivar um clima de colaboração e apoio mútuo.

A implementação de práticas de justiça restaurativa não apenas auxilia na resolução construtiva de conflitos, mas também fomenta relações saudáveis e empáticas entre os membros da comunidade escolar. Investir em estratégias que promovam a consistência nas abordagens pedagógicas contribui para a criação de um ambiente educacional previsível e seguro, onde os alunos se sintam motivados e confiantes em seu processo de aprendizagem.

Ao adotar abordagens mais empáticas e restaurativas em vez de respostas punitivas, fortalecemos a relação entre educadores e alunos, promovendo um clima de respeito mútuo e responsabilidade compartilhada. Como práticas restaurativas, ao enfatizarmos a responsabilidade, a reposição de danos e a participação ativa dos envolvidos, em consonância com a aprendizagem socioemocional, proporcionando um ambiente propício ao

desenvolvimento de habilidades essenciais, como a regulação emocional, a empatia e a resolução de conflitos de forma construtiva.

PARCERIA COM FAMÍLIAS: COMUNICAÇÃO E NÃO CULPABILIZAÇÃO

Boas práticas de envolvimento dos pais na escola são essenciais para promover uma parceria eficaz entre a instituição educacional e as famílias dos alunos. Isso pode incluir a realização de reuniões com foco em soluções, onde pais e educadores possam discutir questões relevantes e trabalhar juntos na resolução de desafios.

Além disso, é fundamental estabelecer canais de comunicação acessíveis, como e-mails, reuniões presenciais ou aplicativos específicos, para facilitar a troca de informações e o acompanhamento do progresso dos alunos.

A criação de escritórios de parentalidade, quando viável, pode oferecer um espaço dedicado para os pais se envolverem mais ativamente na vida escolar de seus filhos, participando de atividades, reuniões e eventos escolares. A construção conjunta de regras e diretrizes, envolvendo tanto a escola quanto as famílias, promove um senso de responsabilidade compartilhada e ajuda a garantir um ambiente escolar seguro e acolhedor para todos.

É importante que a escola esteja atenta às barreiras possíveis que os pais podem enfrentar para participar ativamente na vida escolar de seus filhos, como questões de local de trabalho, transporte ou níveis de letramento.

Ao considerar essas barreiras e oferecer alternativas ou apoio adequado, a escola demonstra seu compromisso em valorizar a colaboração com as famílias e evita interpretações errôneas de desinteresse.

Fortalecer a parceria entre escola e família é fundamental para o sucesso educacional e bem-estar dos alunos.

DISCUSSÃO

A análise realizada destacou a importância de não considerar exclusivamente à escola a responsabilidade pela estrutura socioemocional dos alunos.

Reduzir essa responsabilidade a uma única instituição pode acarretar em dois riscos significativos: primeiro, a culpabilização da família, ignorando as desigualdades e contextos individuais que influenciam diretamente o desenvolvimento socioemocional das crianças; e segundo, a criação de uma expectativa irreal sobre a escola, solicita a assumir funções que ultrapassam seu papel educacional e substituem responsabilidades familiares e políticas sociais mais amplas.

É fundamental reconhecer que a escola possui legitimidade para promover valores públicos e socioemocionais, uma vez que desempenha um papel crucial como espaço de socialização e formação cidadã.

No entanto, é essencial manter a família como o núcleo estruturante de regulação emocional, vínculos afetivos e transmissão cultural inicial para as crianças.

Em situações de vulnerabilidade, a escola pode atuar como um fator protetor e facilitador de redes de apoio, mas não deve substituir integralmente o papel da família ou outras instâncias de cuidado.

O equilíbrio entre o papel da escola e da família é essencial para promover um desenvolvimento socioemocional saudável e abrangente nos alunos.

CONCLUSÃO

A estrutura socioemocional é um processo complexo e interligado, que não pertence exclusivamente à escola ou à família. Trata-se de um sistema ecológico, no qual ambas as instituições desempenham papéis complementares e essenciais.

Enquanto a família fornece uma base afetiva e moral cotidiana, a escola promove competências de convivência, senso de pertencimento e valores públicos fundamentais para a vida em sociedade.

Uma abordagem mais eficaz e consistente é a corresponsabilidade, em que escola e família trabalham juntas de forma colaborativa e respeitosa. Essa parceria deve ser sustentada por práticas escolares embasadas em evidências, formação contínua dos professores e um compromisso mútuo com os direitos e a dignidade de todos os envolvidos.

A colaboração entre escola e família, pautada em valores compartilhados e respeito mútuo, é essencial para promover um ambiente de aprendizagem saudável e inclusivo para os alunos.

REFERÊNCIAS

Ainsworth, MDS, Blehar, MC, Waters, E., & Wall, S. (1978). Padrões de apego: Um estudo psicológico da situação estranha.

Bowlby, J. (1982). Apego e perda: Vol. 1. Apego (2ª ed.). Basic Books. (Obra original publicada em 1969)

Bourdieu, P. (1977). Esboço de uma teoria da prática. Cambridge University Press.

Bourdieu, P. (1986). As formas de capital. Em J. Richardson (Ed.), Manual de Teoria e Pesquisa para a Sociologia da Educação (pp. 241–258). Greenwood.

Bronfenbrenner, U. (1994). Modelos ecológicos do desenvolvimento humano. Em T. Husén & TN Postlethwaite (Eds.), Enciclopédia internacional de educação (2ª ed.). Elsevier.

CASEL. (2020). Estrutura SEL da CASEL. Colaboração para Aprendizagem Acadêmica, Social e Emocional.

Durkheim, É. (1956). Educação e sociologia. Imprensa Livre.

Durlak, JA, Weissberg, RP, Dymnicki, AB, Taylor, RD, & Schellinger, KB (2011). O impacto do aprimoramento da aprendizagem socioemocional dos alunos: uma meta-análise de intervenções universais baseadas na escola. Child Development, 82 (1), 405–432.

Taylor, RD, Oberle, E., Durlak, JA, & Weissberg, RP (2017). Promovendo o desenvolvimento positivo da juventude por meio de intervenções de aprendizagem socioemocional baseadas na escola: uma meta-análise. *Child Development*, 88 (4), 1156–1171.

Vygotsky, LS (1978). *A mente na sociedade: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*